



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Universitário Santo Agostinho



revista fsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 18, n. 5, art. 10, p. 164-178, mai. 2021

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2021.18.5.10>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Zeitschriftendatenbank



MIAR



Fronteiras Africanas: Míticas e Religiosas

African Borders: Mythical and Religious

Amós Coêlho da Silva

Doutor em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor Associado do Instituto de Letras -Universidade do Estado do Rio

E-mail: amoscoelho@uol.com.br

Endereço: Amós Coêlho da Silva

Rua Ramiro Magalhães, 352 Engenho de Dentro - CEP
20730-460 - Rio de Janeiro –RJ, Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar
Rodrigues**

Artigo recebido em 13/04/2021. Última versão
recebida em 23/04/2021. Aprovado em 24/04/2021.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Neste ensaio, abordando *Vozes d'África*, de Castro Alves, levantaremos o que há de múltiplos fragmentos intertextuais na História, na Religião, na Etnologia e na Mitologia quanto ao comportamento social não só dos homens cristãos do Ocidente como também os do Oriente, sufocando a subjetividade humana na interação social. Castro Alves alça voo numa interrogação à luz do deslocamento geopolítico desde a América e Europa à África e observa qual é a busca humana especulativa com indagações como: 1) qual é a característica ou o lugar do homem na cadeia geral dos seres em relação ao “real”? 2) que distinção de lugar lhe cabe quanto ao “possível”, na apreensão do “real” e em relação aos seres que estão abaixo? 3) e, admitamos uma outra hipótese, em relação aos outros seres que estariam acima? De modo que, se sabemos que os que estão abaixo do homem em termos de poder se confinam em reações de percepções sensoriais, seria o homem um ser movido unicamente por intuição compulsiva, como Kant (JAPIASSÚ e MARCONDES. *Dicionário Básico de Filosofia: INTUIÇÃO*) o classificaria de intuitivo, *Anschauung*? Por que, então, o Homem se coloca no planeta tão taxativo, num único discernimento ou *insight*, e sem chance para uma dedução em relação ao “real”?

Palavras-chave: Intertextos. Geopolítica. Interações Sociais. Etimologia.

SUMMARY

In this essay, addressing *Vozes d'África*, by Castro Alves, we will raise the multiple intertextual fragments in History, Religion, Ethnology and Mythology regarding the social behavior of both Christian men in the West and those in the East, stifling human subjectivity in social interaction. Castro Alves takes flight in an interrogation in the light of geopolitical displacement from America and Europe to Africa and observes what is the speculative human search with questions such as: 1) what is the characteristic or place of man in the general chain of beings in relation to the “real”? 2) what place distinction do you have regarding the “possible”, in the understanding of the “real” and in relation to the beings below? 3) and, let us admit another hypothesis, in relation to the other beings that would be above? So, if we know that those who are below man in terms of power are confined to reactions of sensory perceptions, would man be a being moved solely by compulsive intuition, as Kant (Japiassú e MARCONDES. *Dicionário Básico de Filosofia: INTUIÇÃO*) would classify him as intuitive, *Anschauung*? Why, then, does Man put himself on the planet so forcefully, in a single insight, and with no chance for a deduction in relation to the “real”?

Keywords: Intertexts. Geopolitics. Social Interactions. Etymology.

1 INTRODUÇÃO

No poema *Vozes d'África*, não foi apenas a nossa condição humana primitiva de nômade, quer dizer, de selvajaria, que nos levou a escravizar um vizinho qualquer. Neste momento, vivíamos ainda na Idade da Pedra, com pinturas rupestres em cavernas, até alcançar a conquista histórica de sedentarismo com um sistema produtivo e econômico, dada a fixação sedentária, com uma defesa de um espaço onde se pudesse residir simplesmente, ao abrigo das surpresas de animais predadores e um outro humano rival.

Mas conquistado o sedentarismo, o homem rompeu com ele, como se nota em historicidades poéticas, como a do antigo filósofo romano Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.), plena de epicurismo, isto é, de aconselhamentos a permanecer na própria terra natal, numa passagem de sua tragédia *Medeia*, versos 301 a 303: *Audax nimium, qui freta primus/ Rate tam fragili perfida rupit/ Terrasque suas post terga videns (...), Foi ousado demais aquele que, por primeiro, num tão frágil barco, rompeu as ondas traidoras e, deixando ver atrás de si as terras natais(...)*. Este ímpeto humano foi, em alguns povos um ato de perversidade, e não de utopia, como na expressão utópica presente na voz de um poeta do século XVI, Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, e Fernando Pessoa, *Ele-mesmo*, numa apropriação e confirmação de versos camonianos:

X. MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Mas o que levou o homem a viagens pelo globo terrestre em busca de novas fronteiras não foi apenas um estímulo utópico à migração. O motivo foi também uma maligna inveja. E ocorreu simultaneamente com esta busca utópica deste período: As Grandes Navegações. Uma pulsão pervertida a invadir pela força, com ocupação das terras alheias,

destruindo e escravizando os habitantes nativos. Seria o motivo uma inveja, movendo o homem nestas relações sociais? Mas isso mesmo que está na fabulação bíblica, como em *Gênesis*, 37 *passim*, no relato da história sobre José, o qual retomaremos mais adiante, conforme um testemunho colhido poema *Vozes d'África*, quando Castro Alves nos apresenta este episódio bíblico e se respalda nele para nos relatar a falta de fraternidade para com a África em seus versos num símile maiúsculo, muito emblemático e insinuante:

Qual de José os vis irmãos outrora,
Venderam seu irmão.

Se folhearmos a história humana, na era civilizada e documentada, anotaremos, a partir de muitas guerras deflagradas, o simples motivo de ódio ao vizinho e a cobiça a bens naturais de dada região. Inclusive, se aproveitando de motivações religiosas genuínas¹ desses povos para humilhá-los, exatamente como sofreram os africanos com suas crenças religiosas, que foram classificadas nas pretensões escusas dos invasores como inferiores ou *seita*, conforme o Houaiss eletrônico: *doutrina ou sistema que se afasta da crença ou opinião geral*.

Ora, o homem, como está no latim *homo*, provém de *humus*, *barro*, *argila*, cf. ERNOUT ET MEILLET, no verbete *homō, -inis*, citam Quintiliano registrando que o homem é chamado assim porque nasceu da terra, *humus*². Aí está um vínculo etimológico entre “homem”, no sentido geral de “ser humano”, com a terra, ou seja, “humus”.

Pelo resultado de tantos povos escravizados, nos parece que o ódio ou a inveja³ ao vizinho pode ser confirmado em algumas relações sociais mais antigas; senão, examinemos como são emblemáticas nos antigos gregos, estes sempre alçados na História a nível de civilização exemplar, no entanto chamavam os seus vizinhos de “bárbaros”, porque não sabiam falar como eles, os gregos, uma língua tão elevada.

Os romanos, também invasores e vencedores dos helenos, adotaram o conceito grego de “bárbaros”, na sua marcha militar geopolítica e com a mesma estratégia quando

¹ Note-se como se fixou a etimologia de “genuíno” em latim e como há um implícito preservado como uma figuração simbólica do comportamento do Homem: “On sait maintenant que l’adjectif ne derive pas de *genus* (no sentido de “nascimento, raça”, *mais de genū* (joelho). Pour témoigner qu’il reconnaissait l’enfant nouveau-né pour sien et l’admettait dans la famille, le père, à l’origine, prenait à terre, où il avait été déposé, et le plaçait sur ses genoux; et l’enfant ainsi reconnu était dit *genuīnus*.” (Ernout e Meillet)

² Os Autores recomendam a consulta *v. humus*: homme, au sens general de “être humain”, proprement “né de la terre” ou “terrestre” (cf. Quint. , 1, 6, 34, “etiamne hominem appellari quia sit humo natus”) O homem deveria ser, conforme a sua formação derivada daí humilde, adjetivo português que provém do adjetivo latino *humilis*. Ainda no seu verbe *humus*: *humilis* "qui reste à terre, qui ne s'éleve pas de terre", et au sens moral "humble, bas", etc.

³ Em latim, se trata de um termo que significa “1. má vontade, ódio; 2. avareza; 3. rivalidade”. Il y a allusion à la croyance au mauvais oeil... (Ernout e Meillet) Há uma alusão à crença no mau olhado...

dominaram e assimilaram a cultura helênica: ambos adotaram o sistema escravocrata. A primeira, que fora uma civilização padrão, mas considerou natural a escravidão e, em Roma, a situação se agravou, pois se criou o circo dos gladiadores, onde escravos, provenientes dos capturados em guerras geopolíticas, defendiam suas vidas empunhando um gládio (em latim: *gladius*), espada, donde provém o termo “gladiador”; tornavam-se espetáculos diante dos imperadores. É paradoxal, pois os romanos pregaram a *Pax Romana*, erigindo um altar da paz como monumento aos seus feitos guerreiros, cuja missão seria levar as leis romanas como uma marca de civilização aos povos bárbaros: o que era mais do que um paradoxo, se constituindo num oxímoro, dada a agudeza de insanidade no seu pretensioso comportamento exemplar de justiça nas relações de política externa da *Pax Romana*.

Indagamos também se, para essa meta de escravização do próximo, não há um vínculo originário dentro das próprias relações familiares, quando se aponta o desejo de dominação como peculiar ao homem-macho, impondo a todos a sua força: desde a mulher, aos filhos e, em geral, à própria natureza – como um “real” à sua volta: como gregos e romanos fizeram na sua concepção religiosa antropomorfizada.

Javé Deus confiara ao Homem um voto, quando o criou do limo da terra, conforme *Gênesis*, da Bíblia, 2. 7: *Então Javé Deus modelou o homem com a argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivente*. Deu-lhe autonomia para gerir a vida terrena, privilegiando-o com o dom de nomear as coisas e ser o mais elevado no reino animal.

Esse pensamento judaico não contradiz o pensamento mítico-religioso greco-romano; em Ovídio, que nas *Metamorfoses* temos o relato que ato divino foi o de dar ao homem o dom de olhar para cima (livro I):

Sanctius his animal mentisque capacius, altae 76
Deerat adhuc, et quod dominari in cetera posset.
Natus homo est: siue hunc diuino semine fecit
Ille opifex rerum, mundi melioris origo,
Siue recens tellus seductaque nuper ab alto
Aethere cognati retinebat semina caeli. 80
Um ser animado mais excelente e de uma alta inteligência, 76
Que pudesse reinar sobre os outros, até agora faltava.
O homem nasceu; ou o fez com sêmen divino
O criador de todas as coisas, a origem de um mundo melhor,
Ou a terra recente há pouco separada do alto
Éter retinha (ainda) o sêmen do céu, seu irmão. 80

Note-se, também, ao retomar a questão patriarcal, com esta predisposição violenta no homem é tão atual: tal é o estágio violento do patriarcalismo que ainda é vigente em nossos

dias, tanto que, não poucas vezes, a delegacia da mulher, por vezes, não consegue cumprir proteção plena com uma prática de justiça satisfatória nas relações sociais.

A filosofia e, por vezes, a psicologia, por outro viés busca uma resposta a essa insanidade humana, se respaldando numa ontologia e descartando a ética, argumenta uma conceituação de sua feição incontrolável contida no desejo⁴: há no Homem uma intuição, tomada como pulsão de sua dominação ou força que oblitera a sua competência de dedução. A dedução não foi o estímulo máximo que o elevou acima no reino animal? Assim, um ser dotado de cálculos matemáticos, munido com tubos de ensaio em laboratórios, predominaria no planeta e talvez no universo.

No mito grego, Prometeu seria a divindade protetora do homem que lhe deu o dom do cálculo matemático, por sua rivalidade com Zeus, entregou o homem aos auspícios de Astreia, *divindade* que incansavelmente lhe apregoou o culto aos deuses, mas o homem não há de seguir a orientação de Astreia; há de preferir os caminhos do seu arbítrio, à luz da “indução”. Daí, a Psicanálise retirou dos mitos a sua pesquisa psicanalítica sobre o homem e extraiu categorias, a partir da tragédia do poeta Sófocles (século V a.C.), como o complexo de Édipo, da poesia de Ovídio (43 a.C. - 18 d.C.), nas *Metamorfoses*, do verso 340 a 510, do Livro III, o narcisismo, das suas experiências na História com o mesmo sufixo *-ismo*, a denotar “doença”, outras categorias, como masoquismo, sadismo⁵ (HOUAISS Eletrônico).

Também a essência do Cristianismo se pauta no pecado original do relato bíblico. Recebeu um dom: sua superioridade no reino animal e domínio dos confins da terra. Os primórdios existenciais do homem estão marcados pela desobediência e, por essa arrogância, sua expulsão do Paraíso.

Como educar essa avidez humana? De fato, embora existam no mundo muitos pacificadores, e desde outrora e, historicamente, no recente século XX, como Madre Teresa de Calcutá, que buscou resgatar o homem do nível da sarjeta ou como Nelson Mandela, líder da resistência não violenta contra a mais terrível agressão humana: o *apartheid*, que é um termo oriundo de uma das línguas da África do Sul: o africânder e se constituiu no regime político de segregação das raças negra e branca na África do Sul por minoria branca e que durou a maior parte do século XX. Eles são beneméritos dos direitos humanos.

⁴ “Desejo” passa ao português do Latim Vulgar **desidiu*, proveniente da forma clássica *desidēro*, que denota, no prefixo “de-”, afastar-se ou deixar de ver, e na forma “sid= *sidus*”) o astro que é, em latim, *sidus*. Ou seja, os astros governam nosso destino, daí a Astrologia. A Psicologia também formula observações desse quilate.

⁵ Perversão que se caracteriza o prazer passivo a partir do sofrimento ou humilhação, em livros de Leopold Von Sacher-Masoch. O prazer ativo a partir do sofrimento ou humilhação de outrem. A etimologia vem de *Sade*, Marquês de (1740 – 1814) + *-ismo*.

Mesmo a partir da Psiquiatria, na tentativa de resgate através da educação do emocional violento, dotado de uma sede sem limites contra a subjetividade de outrem, parece frustrante, pois o homem não utiliza a ciência terapêutica da alma para curar tal doença crônica: a cólera e sua contradição de desejar as fronteiras do infinito cosmo, mesmo mediante a sua finitude.

Não cabe a preocupação em reduzir a leitura dos versos castroalvianos à classificação retórica de figura de estilo, porque a hipérbole do seu texto *Vozes d'África* contém um sentido crítico e circunscrito, além de tudo, no sentido do simbolismo do comportamento do homem, pois dispomos aí do alegórico e da linguagem simbólica, contida em passagens religiosas e míticas, retiradas dos fundamentos culturais das civilizações greco-romanos e orientais, principalmente a hebraica. Tudo isso lança luz sobre o lugar de *Vozes d'África*, quando presenciamos esse esmagamento do sentimento humano, anulando a religião de povos submetidos com o agenciamento não só pelo poder violento, mas ainda aplicando uma imposição de uso das religiões oficiais dos povos dominadores.

Não é de hoje que a *intelligentsia* artística e literária tem sido defendida como um alicerce e fundamento escolar na vida da cidadania; porém, clandestina e sub-repticiamente, a escola tem sido, desde outrora, o local onde se solapa o interesse primordial do homem: a interação social com cidadania. Conforme um juízo de Henri Marrou, havia um esforço de implantar uma utopia, a emulação apaixonada entre a arte oratória e a filosofia: *duas rivais da cultura superior* (p.343)

Há muito que perdura a inoperância escolar, conforme uma ironia de Petrônio (m. 65 d.C.), em *Satíricon*, a propósito de um discurso de um político perante seu eleitorado:

“Por acaso seria em razão de uma espécie diferente de Fúrias que se inquietam os declamadores que gritam: ‘Estas feridas, eu as recebi em favor da liberdade pública; este olho, eu o dediquei a vocês: deem-me um guia que me conduza até meus filhos, pois as pernas cambaleantes não sustentam meus membros?’ Essas mesmas expressões seriam suportáveis, se mostrassem a direção aos que se encaminham rumo à eloquência. Na situação atual, de tal forma esses vão avançando, não só com seu estilo empolado de tratar os assuntos, mas também com o ruído completamente inútil de suas frases, que, embora se encontrem na praça⁶, julgam que foram transportados para uma outra região do universo. E por esta razão considero que os adolescentes se tornam inteiramente estúpidos nas escolas: porque aí eles não ouvem ou veem nada daquilo de que temos necessidade, mas, sim, acerca de piratas⁷ que se encontram aportados com correntes no litoral, de déspotas que escrevem os editos nos quais ordenam aos filhos que cortem as cabeças de seus pais, de respostas dadas contra a peste segundo as quais

⁶ A praça sempre foi para os antigos gregos e romanos um ponto de encontro. Foi de lá que surgiram instituições, como o teatro, cultos religiosos etc.

⁷ Os piratas eram uma ameaça tão funesta quanto hoje são as dos terroristas.

três virgens ou mais devem ser imoladas, ou ainda acerca do açucarado rodeio de palavras e de tudo que se diz e que se faz como que salpicado com papoula e sésamo.”

Isso tudo ocorre devido à multiplicidade caótica vivenciada por uma orientação *mass media*: ou a mídia não é suporte difusor de informação? Ela, de fato, nunca foi domesticada pelo ensino escolar, cujo papel deveria ser o de trazer para os leitores neste momento de suas vidas uma reflexão mais apurada sobre as relações de interação social entre os homens. Não se tem proporcionado ao Poeta dos Escravos o seu devido lugar. Castro Alves é um Poeta Universal, seus versos inquiram profundamente sobre o sentido das ações humanas nas interações sociais...

Citemos do ensaio “A obra de arte na época de sua reprodutividade técnica”, de Walter Benjamin:

Fiat ars, pereat mundus: é esta a palavra de ordem do fascismo que, como Marinetti o reconhece, espera obter na guerra a satisfação artística de uma percepção sensível modificada pela técnica. Reside aí, evidentemente, a perfeita realização da arte pela arte. Na época de Homero a humanidade se oferecia em espetáculo aos deuses do Olimpo. Ela agora se converteu no seu próprio espetáculo. Tornou-se tão alienada de si mesma que consegue viver sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem. A resposta do comunismo é politizar a arte.

2 CORAL AFRICANO

Começa o Poeta com excelente retórica que se chama de coerência, como diz atualmente a Análise do Discurso (CHARAUDEAU; MANGEUNAEU), para o que Aristóteles (384 – 322 a.C.) chamaria ‘*prépon*’ e, Cícero (106 – 43 a.C.), *decorum* e à maneira de um coro de vozes: os africanos a invocar Deus, por duas vezes, mas não - conseguem obter resposta. A invocação é através da enunciação interrogativa e reticente. E essa não é a interrogação que a retórica sempre considerou como o nosso mais arcaico arquétipo de descoberta do mundo? O viés enunciativo segue como uma *écfrase*⁸ com uma poderosa configuração, flagrando o desvelo de Deus... Vê-se aí a omissão da infinitude divina na perplexidade da solidão: “Onde está, Senhor Deus? ...”

Na estrofe seguinte, cria uma imagem (‘*eikon*’), uma figuração num cotejo entre dois tipos de sagrado: um de valor mítico – o mito grego e outro de valor cristão – fundado no Antigo Testamento, mas com as ações construídas no uso da *mimesis* aristotélica com eficácia

⁸ Afinal dois mil anos configuram a elevação pungente do grito de dor... e é um grito que se torna incompleto nas reticências dentro de uma interrogação.

na visão panorâmica (*Poétique* 6 – Définition de La tragédie), entre a solidão de Prometeu, subjugado ao poder da vingança de Zeus, o que se torna válido, dada a verosimilhança (*to eikós*) com a ação do Deus cristão em relação à África. Note que o Poeta dos Escravos convoca para o seu enunciado duas civilizações diferentes. A judaica, lida através da tradição cristã, e a helênica, fixada pela tradição greco-latina. E assim se põe em comparação duas divindades helênicas: Zeus em luta contra Prometeu em relação ao Deus do Cristianismo em repressão à África, na personificação do continente. Aqui se torna evidente o paroxismo de uma ação divina, emblemático no capricho arbitrário no conteúdo da linguagem etimologicamente. Diz o dicionário que o termo latino “vindex” (vingança) era concebido pelos antigos gramáticos como a composição do elemento “vim” (força) e a simplificação de “iudex” (juiz), como se lê: *Neste caso, o “vindex” seria “aquele que mostra ao juiz a violência de que foi vítima o seu cliente, obrigado a comparecer perante o tribunal”*. (TORRINHA: VINDEIX) Ora, se não houve um tribunal que acolhesse uma possível defesa de Prometeu, como realizar justiça? Então, aqui a vingança se consuma como ato de força, não um ato de justiça? Houve alguma dúvida no ato de Zeus? Sem favorecimento, contradizendo a jurisprudência: *In dubio, pro reo, na dúvida, pelo réu*. (RÓNAI: Não perca o seu latim)

São indicados traços da natureza como emblemas da escravidão que se sucedem nos versos da estrofe seguinte. Entretanto, de fato, foram outrora dádivas representativas do Criador: as condições climáticas da África sempre foram acolhedoras para os africanos, como sociedade primitiva: então, por que só agora o clima e outros acidentes geográficos lhes são hostis? Assim, *sol candente, corrente (ligada) ao pé, cavalo estafado, (trabalho árduo) do Beduíno, o chicote do (vento) ‘simoun’...* são, etimologicamente termos eruditos de proveniência árabe, em registros de HOUAISS Eletrônico, como beduíno (Datação de 1541), simum (Datação de século XIX), acolhidos pelo Poeta pontuam a pauta poética, autenticando a genuidade local: “genuidade” no mesmo sentido etimológico apontado acima, ou seja, os africanos só foram reconhecidos como filhos porque se ajoelharam no pó da terra.

Ora, os invasores, donos de sofisticada ciência, utilizaram tais recursos naturais ao surpreender suas presas, no momento em que estavam à mercê de estratégias em rituais religiosos, quando usavam seus laços de caça ou anzóis de pesca, o que favoreceu a captura do prisioneiro de alguma forma. Note-se, portanto, que não deixam tais características de ser almeçadas pelos dominadores. Em *O Navio Negreiro – Tragédia no Mar*, quando o Poeta indaga *Quem são estes desgraçados (...)?*, então lemos que os africanos capturados foram algemados e seus ritos religiosos de iniciação banalizados, como na *Ontem a Serra Leoa, / A*

guerra, a caça ao leão, ou, como mais adiante no mesmo poema mencionado, combatem (a)os tigres mosqueados, conforme se lê na estrofe abaixo:

*São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz.
Onde voa em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados,
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão...
Homens simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos
Sem ar, sem luz, sem razão...*

Os principais continentes, Ásia e Europa, são personificados como felizes, como a História, de fato, registra. Assim, na Ásia, há volúpia dos haréns, o passeio na montaria de elefantes ornamentados na região do Hindustão, com a proteção do Deus Brama; para a Europa foi dada a glória, com a posição mais elevada da mulher à condição de rainha que o Poeta equivale com as práticas de amantes palacianos: ela era a “preferida” num palácio, era a “cortesã”. Também obteve outros sucessos: além do dom artístico, o louvor nas causas jurídicas, quer na vida civil, quer na jurídica.

Aqui, o Poeta faz uma longa pausa, com reticências intensas e prossegue, em contrapartida, a África interpelando ao Senhor, sob pressão climática tão árida, cuja lágrima desaparece na “areia ardente”; tudo, sem haver vestígio de seu “pranto” “no chão...” E o que lhe falta é o que os outros continentes possuem: “sombra de floresta”, proteção religiosa de um “templo” – no seu chão que é “solo abrasador”. Se se tomar, como mirante, altas Pirâmides de pedra em direção aos quatro pontos cardeais, só restará um “grito”: “Abriga-me, Senhor! ...”

A máscara protetora dos profetas com “cinzas”, perante os perigos sobrenaturais no momento de indagações ao sagrado, está assim para os africanos “O siroco feroz” que os oprime “no areal” com nova reticente ansiedade, tão intensa na caminhada que exclamam: “Lá vai África embuçada / No seu branco albornoz...”

Ninguém percebe que o deserto africano é como o maior símbolo da paixão de Cristo: o “sudário”, onde compete só uma leitura de perícia, mui especial: a de se destacarem as sombras do sofrimento da crucificação – sudário este, ora guardado em museu. Ora, se o sudário de Cristo acolhido ilustremente num museu..., o da África: o deserto penoso, devido à captura e à marcha para a escravidão - olvidado na História. Tudo isso em silêncio absoluto:

“Lá no solo onde o cardo apenas medra” – ou seja, planta que surge sem vicejar, diante de tal paisagem seca; E seca tão ríspida que até “Boceja a Esfinge colossal de pedra”. Tebas, outrora “Tebas de cem portas”; ora, dela só restam “colunas derrocadas”, onde “As cegonhas espiam debruçadas? O horizonte sem fim...” E é neste horizonte que “o camelo monótono, arquejante / (Que) desce do Efraim...” – quer dizer, sintomas do calor muito intenso, aplicado pelo escravagista; até para o robusto camelo, o qual tem um andar “monótono”, isto é, “lento e compassado”, se torna “arquejante” – o que dificulta conseguir sobreviver. A hipérbole faz jus ao calor.

Segunda pausa, dessa vez para uma interpelação mais aguda: “Não basta ainda de dor, ó Deus terrível?!” Como adjetivar Deus de “terrível?!”, se sabemos que, por sua natureza só lhe são compatíveis coisas benfazejas. Mas o oxímoro se agrava quando se passa a indagar se a grandeza divina, na sua integridade de magnitude, não consegue superar o rancor... Mas não é suficiente; não fica satisfeito; sua sede de vingança é “inexaurível / De (sua) vingança⁹ (...) ? ...” Questiona, assim o Poeta, com efeito, o instrumento de vingança: “Teu gládio vingador?!...” Atribui-lhe, então, o uso deste objeto que fere: a espada.

A África busca qual foi a falta paterna ou ancestral como o Antigo Testamento registra *Êxodo 20,5: Eu sou o Senhor, teu Deus, um Deus zeloso, que vingo a iniquidade dos pais nos filhos, nos netos e bisnetos daqueles que me odeiam.*

Terceira pausa longa e encontra a razão de tudo isso no pecado original: “Foi depois do dilúvio...” quando Cam, irmão de Jafé e Sem, conforme Gênesis 9, 18, filhos de Noé, patriarcas das seguintes nações: língua semítica¹⁰ - inclui o hebraico, o aramaico, o assírio, o árabe, o maltês, o amárico, o tigrínia, e algumas línguas antigas e já extintas, como o acádio, o amorita, o fenício, o moabita -; língua jafética, de onde provém o ariano ou indo-europeu, base das línguas europeias e a escravizada língua camítica que é parte de África, no poema: “Negro, sombrio, pálido, arquejante” que encontrou sua Eloá. Eloá se tornou alegoricamente Eva¹¹ (MACHADO: ELOÁ).

Os filhos desse casal, Eloá e Cam: geradores da raça camítica, se tornaram mais do que nômades, passaram a errantes famintos. Tribos constituídas, vagando no areal do deserto. Assim, houve quem usurpasse de uma dessas tribos a ciência: insinua-se que os gregos teriam

⁹ Há uma equivalência de sentido entre a justiça tradicional no mundo religioso greco-romano e judaico. A ‘pólis’ está circunscrita na categoria da tradição (em gr. ‘díke’), em latim, tradição se diz *consuetudo*. Enquanto a família patriarcal esteve unida, a solidariedade existente não permitiu outra justiça que não a da vingança, em latim: *vindex* (vim= força; iudex= juiz), na solução de conflitos entre os clãs.

¹⁰ Vem de “semita”, conforme Nascentes: “De *Sem*, nome de um dos três filhos de Noé, e suf. ita.” Assim, também se formarão os nomes dos outros dois povos: jafética e camítica.

¹¹ Do fr. *Eloá*, personagem do poema de francês Alfred de Vigny (1824) (representa) anjo-mulher, nascida de uma lágrima de Cristo ... Talvez relacione-se a *Eloah*...

se apropriado de muitos saberes egípcios, conforme o verso *Vi a ciência desertar do Egito...*; povo judeu amaldiçoado: se perderam pelos caminhos... A Europa capturou a sua outra prole como ave de rapina.

Nem mesmo a Paixão de Cristo foi o bastante para a redenção africana... O sangue de Cristo não resgatou o pecado original dela, porque “Ainda hoje são, fado adverso, \ Meus filhos – alimária do universo,\ Eu – pasto universal... De modo que construções soberbas foram concretizadas historicamente com o sofrimento africano. Sem ser uma referência direta do Poeta, (e não haveria necessidade de tal referência, nem mesmo diante de uma ótica turística, por exemplo) forma, porém, um de múltiplos testemunhos na História, a situação da construção da Igreja Imaculada de Nossa Senhora do Rosário ou, como é conhecida: Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Barra, em Sabará, Minas Gerais, uma construção sem o devido acabamento que permite ver, pelo tamanho das pedras que organizam as paredes, o esforço hercúleo a que os escravos foram submetidos.

Por isso, os versos seguintes denunciam a traição da América, como um condor, cujo voo majestoso se apaga e se realça a sua feição de abutre, como símbolo da “Ave da escravidão”, porque se aliou às outras irmãs, pois *Qual de José os vis irmãos, outrora, / Venderam seu irmão.*

Passa a outro momento, mas não sem reticências que conotam o fôlego em soluço de sua queixa. A partir de então solicita a total intervenção poderosa de Deus, enviada como *Perdão p’ra os crimes meus!...* Agora a África *Há dois mil anos, soluça um grito –e não apenas mandei um grito...*

Note-se que o adjunto adverbial *Há dois mil anos* se refere à data de crucificação do Redentor e o Poeta fechará o poema com a invocação de inclusão da África no “Amor” de Deus, pois evoca um destaque para a sua subjetivação, contido na maiúscula do pronome “Meu” com maiúscula e, em seguida, um tom de humildade, como que “ajoelhado”, conforme aquela etimologia de “genuíno”, a solicitar reconhecimento paterno”: “Meu Deus! Senhor, meu Deus! ...”. Neste instante, com realce de “Senhor” com maiúscula e o pronome “meu” em minúscula em tom emotivo e reticente.

4 CONCLUSÃO

O mito prometeico, citado por Castro Alves, é emblemático de uma benevolência divina em relação ao homem: Prometeu deu-lhe o dom do cálculo matemático e a lucidez na formulação de equação matemática para dosar os tubos de ensaio em laboratórios: ações

competentes, capazes de superar epidemias, as quais, outrora, os antigos acreditavam serem provenientes de uma contrariedade ou ofensa ao(s) deus(es). No entanto, os de agora, com grande domínio da matemática, realizadores de incríveis façanhas científicas, que apoiam ousadas viagens cósmicas, como o fato de poder fazer acontecer comunicação de linguagens entre pontos mais longínquos dentro e fora do nosso planeta Terra, são incapazes de uma sintonia em termos de interação social, porque não conseguem enxergar o outro, em latim *alter*, que denota, a rigor, o segundo, numa reunião de dois. E, foi, por essa razão, expulso do Paraíso, pois altercou (aqui também há a presença de “alter) com Deus, ao invés de reconhecer-Lhe a Alteridade.

A alteração dos homens de agora é opressora, desequilibra a fauna e a flora do planeta, como se pode ler na alegoria do poema de Rainer Maria Rilke, “A pantera”: o prazer de dominação sobre o próximo, ou seja, uma ação equivalente ao citado *apartheid* aqui.

Na divisão das coisas em que as religiões atribuem a uma ação divina, há um nó górdio, oriundo de relações sociais assimétricas. Assim, a Europa, onde se detecta uma educação escolar elevada, se torna gloriosa nas artes e vencedora na justiça e a Ásia, na volúpia “Dos haréns do Sultão”, enquanto a África prossegue “embuçada \ No seu branco Albornoz...”, ou seja, uma proteção contra a ferocidade do calorento vento “siroco”, mas que era superado em provas iniciáticas pelos habitantes locais, ora desterrados...

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

ARISTOTE. **Poétique**. Texte établi et traduit par J. Hardy. Paris : Les Belles Lettre, 1932.

BENJAMIN, W. A obra de arte na época de sua reprodutividade técnica. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. (205 a 240.) *IN*: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BÍBLIA. Tradução, introdução e notas de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990.

BRANDÃO, J. S. **Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia e Religião Romana**. Petrópolis: Vozes.1993.

CHARAUDEAU, P; MANGEUNAEU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. Tradução de F. Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAUÍ, M. **Simulacro do Poder: Uma Análise da Mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

COUTINHO, A. **A Literatura no Brasil: Romantismo**. Rio de Janeiro :Sul Americana, 1969.

GOMES, E. **Castro Alves: Poesia**. Rio de Janeiro : Agir, 1980.

ERNOUT, A; MEILLET, A. **Dictionnaire Ethymologique de la langue latine: Histoire des mots**. Paris, Klincksieck, 1985.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 1.0 [CD-ROM], 2009.

JOBIM, J. L; SOUZA, R. A. **Iniciação à Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

MACHADO, J. P. **Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa**. Lisboa: Confluência, s/d. Volume Segundo: E-M.

MARROU, H. I. **Tradução brasileira de Mário L. Casanova. História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: E.P. U., 1975.

MOISÉS, M. **A Literatura Brasileira através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 1973.

_____ e PAES, José Paulo. **Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1980.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo I**. Tradução de Maura R. Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1962.

_____. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo II NECROSE**. Tradução de Agenor S. Santos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

NASCENTES, A. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.

RÓNAI, P. **Não Perca O Seu Latim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

TORRINHA, F. **Dicionário Latino-Português**. Porto: 1937.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

SILVA, A. C. Fronteiras Africanas: Míticas e Religiosas. **Rev. FSA**, Teresina, v.18, n. 5, art. 10, p. 164-178, mai. 2021.

Contribuição dos Autores	A. C. Silva
1) concepção e planejamento.	X
2) análise e interpretação dos dados.	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X